



JOÃO VACAS,  
CONSULTOR ABREU ADVOGADOS  
CONSULTANT AT ABREU ADVOGADOS

## 2021: ANO DA ADESÃO DE PORTUGAL À **UNIÃO EUROPEIA?**

### 2021: THE YEAR OF PORTUGAL'S ACCESSION TO THE EUROPEAN UNION?

**N**o dia 1 de Janeiro de 2021 começa a próxima Presidência portuguesa do Conselho da União Europeia. Será a quarta vez que o nosso país dirigirá os trabalhos do Conselho. É uma boa oportunidade para Portugal aderir à União Europeia. Os mais informados dirão que a adesão se deu em 1986, que Portugal é membro de pleno direito das Comunidades /União Europeia desde essa data e que, por isso, nada mais há a que aderir. Apesar de não ignorar esse facto, discordo da conclusão. A univocidade da via europeia, assumida pela III República, teve como consequência a separação entre aqueles que a compreenderam e integraram e a maioria da população que se manteve à margem. Essa clivagem ainda subsiste. Salvo algumas vozes minoritárias, tendencialmente à extrema-esquerda no espectro partidário emergente, o caminho europeu não sofreu contestação de relevo e tornou-se uma garantia de que o Portugal pós-abrilino permaneceria fiel aos princípios e práticas da democracia liberal de matriz ocidental; mas esta ausência não pode confundir-se com adesão social ou mesmo compreensão efectiva do funcionamento do bloco político-económico de que pretendíamos fazer parte. O país e os seus cidadãos revelam fragilidades flagrantes na interacção com a União Europeia e, muitas vezes, adoptam uma perspectiva de curto prazo face aos eventuais proventos que dela emanem. Dito de outro modo, a União é entendida por muitos como uma mera fonte de financiamentos, um “mealheiro” mais ou menos generoso, a que se pode recorrer não importando por que razão. O momento excepcional que vivemos não o é a esse título.

**T**he 1st of January 2021 marks the start of the next Portuguese Presidency of the Council of the European Union begins. It will be the fourth time that our country will direct the work of the Council. It is a good opportunity for Portugal to join the European Union.

The most informed will say that the accession took place in 1986 that Portugal has been a full member of the Communities/European Union since that date and, therefore, there is nothing else to join. Although I don't ignore that fact, I disagree with the conclusion. The single voice of the European path, assumed by the Third Republic, resulted in the separation between those who understood and integrated it and the majority of the population that remained on the side-line. This cleavage is still here today. Except for some minority voices, particularly on the extreme left in the emerging party spectrum, the European path didn't suffer any major challenge and became a guarantee that post-April Portugal would remain faithful to the principles and practices of liberal democracy with a western matrix; but this absence cannot be mistaken with social accession or even with an effective understanding of the workings of the political-economic bloc we intended to be part of. The country and its citizens show glaring weaknesses in their interaction with the European Union and often adopt a short-term perspective in light of the possible proceeds that emerge from it. In other words, the Union is seen by many as a mere source of funding, a more or less generous “piggy bank”, which can be used no matter why. The exceptional moment we are experiencing has however nothing to do with it. In addition to this uncritical and instrumental

“A PRESIDÊNCIA  
PORTUGUESA  
APROXIMARÁ A POLÍTICA  
EUROPEIA DO NOSSO  
DIA-A-DIA DENTRO  
DE POUCO TEMPO  
E DARÁ AO PAÍS A  
POSSIBILIDADE DE A  
CONHECER MELHOR.”

A essa visão acrítica e instrumental da UE, acresce a incompreensão quanto ao seu modo de operar, às competências de que dispõe e ao que fazem as suas instituições. O desconhecimento contribui para alimentar equívocos, para limitar a participação e para alijar responsabilidades: falar de “Bruxelas” como algo que nos é externo significa iludir-nos quanto ao que efectivamente se passa no contexto europeu. É inquietante que tantos anos tenham passado e que persista o sentimento de que acabámos de entrar. Já deveríamos ter percebido o modo como funcionam e como se influenciam as instituições europeias, de que formas podemos posicionar-nos melhor no seu seio e por que razão a política nacional não é dissociável deste nível supranacional. A sensação de recomeço permanente dificulta a afirmação nacional no quadro europeu. E fá-la depender do brio, da boa vontade e da dedicação, quase sobre-humanas, de algumas pessoas. A montante de tudo isto talvez esteja o facto de nunca ter sido perguntado directamente aos portugueses se concordam com a participação nacional no projecto europeu. Por muitos defeitos que a opção referendária tenha, e tem, é um facto que a realização de referendos promove e potencia o debate em torno de questões julgadas essenciais ou basilares para as sociedades. De um modo assumidamente caricatural, podemos afirmar que a nossa opção europeia não foi opção, que a nossa pertença europeia está por entender, que a nossa capacidade de intervenção está por melhorar e que a nossa efectiva compreensão da União está por acontecer. A Presidência portuguesa aproximará a política europeia do nosso dia-a-dia dentro de pouco tempo e dará ao país a possibilidade de a conhecer melhor. Não teremos melhor oportunidade para aderir à União Europeia. ●

vision of the EU, there is some misunderstanding about the way it operates, the skills it has and what its institutions do. Ignorance feeds misunderstandings, to limit participation and to remove responsibilities: speaking of “Brussels” as something external to us means deluding ourselves as to what is happening in the European context. It is disturbing that so many years have passed and that the feeling that we have just joined remains. We should have already realized how the European institutions work and how they influence each other, how we can better position ourselves within them and why the national policy is not dissociable from this supranational level. The feeling of a permanent restart makes it difficult to make a national statement within the European framework. And it makes it depend on the commitment, goodwill and dedication, almost superhuman, of some people. Upstream of all this, perhaps, is the fact that the Portuguese were never asked directly whether they agree with national participation in the European project. Despite the many faults the referendum option may have, and it has some, it is a fact that holding referendums promotes and strengthens the debate around issues deemed essential or fundamental for societies. In an admittedly caricatural way, we can say that our European option was not an option, that our European allegiance is yet to be understood, that our capacity of intervention is about to improve and that our effective understanding of the Union is still to happen. The Portuguese Presidency will bring European policy closer to our daily lives in a short time and will give the country the chance to get to know it better. We will have no better opportunity to join the European Union. ●

“PORTUGUESE  
PRESIDENCY WILL  
BRING EUROPEAN  
POLICY CLOSER TO  
OUR DAILY LIVES IN A  
SHORT TIME AND WILL  
GIVE THE COUNTRY  
THE CHANCE TO GET  
TO KNOW IT BETTER.”